

A ESTILÍSTICA DO GÊNERO DISCURSIVO NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Eliane Pereira dos Santos (UFMA)

Valdulce R. Cruz Sousa (Anhanguera)

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir a importância do uso de metodologias de ensino que contemplem questões de estilística sociológica no ensino de língua materna. Para Bakhtin (2013[1942-1945]), as formas gramaticais não devem ser separadas de seu valor estilístico. Precisam ser compreendidas em conexão com o contexto extraverbal, com as relações axiológico-dialógicas. Bakhtin (2015[1934-1936]) propõe a estilística do gênero, argumentando a favor de que o estudo da língua deve ser realizado a partir dos gêneros discursivos. Medviédev (2016[1928]) critica o método formal nos estudos literários, defendendo uma estilística sociológica. Os autores do círculo bakhtiniano entendem que a língua deve ser estudada na sua relação com os aspectos sociais. Diante dessas considerações teóricas, questionamos: Como as relações axiológico-dialógicas definem os aspectos linguístico-estilísticos? Como o gênero discursivo pode orientar o estudo das formas da língua? Tendo em vista esses questionamentos, selecionamos como *corpus* comentários *online* sobre notícias acerca do acontecimento social: *Impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Nosso aporte teórico tem como base a teoria dialógica: Bakhtin (2015[1934-1936]; 2003[1979]) e autores que discutem teórico-metodologicamente as noções bakhtinianas no ensino de língua materna, tais como: Rojo e Jurado (2006); Cunha (2006). A pesquisa revelou que é improdutivo estudar as formas da língua apartadas das entonações axiológico-dialógicas que antecedem as escolhas linguístico-estilísticas. Percebemos que essas escolhas feitas pelo falante, no gênero comentário *online*, são de caráter social e individual ao mesmo tempo, determinadas tanto pela entonação característica da singularidade desse falante, quanto pela orientação do gênero.

Palavras-chave: Estilo. Língua materna. Comentário *online*

1 Introdução

Muitas das abordagens da estilística no ensino de língua materna ainda estão restritas a um enfoque tradicional, limitando-se, principalmente, ao que se convencionou chamar de figuras de linguagem, ou a abordagens que na esfera literária tratam do estilo de época ou estilo individual de autores de obras literárias. A teoria bakhtiniana se contrapõe a estilística tradicional, propondo a estilística do gênero.

Bakhtin (2015[1934-1936]) partindo da ideia de que a linguagem tem que ser estudada em conexão com o social, vê o gênero discursivo como ponto de partida e de chegada para o estudo do estilo. Segundo esse autor, o estilo é resultado de relações axiológico-dialógicas, de modo que, toda escolha linguística também é uma escolha estilística. Medviédev (2016[1928]) propôs o método sociológico como alternativa produtiva

para o estudo do estilo na literatura, colocando-se contra a estilística tradicional, que via ou no sistema da língua ou na subjetividade do autor as respostas para as questões de estilo na poesia. Assim, pretendemos discutir algumas questões teóricas e metodológicas relativas ao ensino do estilo no ensino de língua materna, a partir do gênero comentário *online*.

Partindo de três pressupostos descritos abaixo, acreditamos que um ensino de língua materna ancorado numa perspectiva, que considere a língua em uso, terá na estilística do gênero apoio necessário para o desenvolvimento de metodologias eficientes para relacionar o verbal e o extraverbal na construção e atualização de sentidos:

- 1) todo enunciado mantém relação de diálogo com outros discursos anteriores e posteriores;
- 2) O enunciado nunca é neutro, mas sim sempre perpassado por uma valoração axiológica;
- 3) Todo enunciado se efetiva por meio de um gênero discursivo.

2 Uma abordagem sociológica do estilo

Bakhtin (2015[1934-1935]) faz uma crítica à estilística tradicional que via o estilo do texto literário atrelado ao estilo individual do autor ou a uma análise formal do material linguístico, dissociado de um enfoque filosófico e sociológico. No primeiro caso, a estilística tradicional abstrai a língua da vida social e a encerra no gabinete de um autor, dando à palavra um tratamento superficial e abstrato, pois a desvincula da vida social e a encerra numa consciência subjetiva a partir da qual tenta explicar as escolhas linguísticas. No segundo caso, os formalistas buscam explicar a língua fechada num sistema abstrato, ou seja, a língua é tida como auto-suficiente, dela são excluídos o falante e todas as possíveis relações axiológico-dialógicas. Tendo em vista essa crítica, o autor propõe o estudo do estilo do romance a partir de uma estilística sociológica ou estilística do gênero, de modo a seguir uma orientação dialógica. Segundo Bakhtin, todo enunciado em condições reais de uso é dialógico, mantém um elo com o extraverbal, portanto não deve ser estudado apartado do aspecto social.

Ele reconhece a importância da palavra do outro no objeto e a palavra do outro na resposta antecipada do ouvinte. Na teoria dialógica o verbal é apenas um aparato técnico, portanto, depende das relações axiológico-dialógicas. “A política interna do estilo (a combinação de elementos) é determinada por sua política externa (pela relação com a palavra do outro)”. (BAKHTIN, 2015 [1934-1936], p. 57). O estilo não são os recursos linguísticos em si, mas é a orientação axiológico-dialógica que impulsiona a escolha destes recursos. O falante ao organizar o material linguístico, já tem um propósito comunicativo, um interlocutor, uma intenção, portanto, sua voz se organiza e se encorpa em relação de diálogo com outras vozes.

O estilo nasce no uso da língua, constitui-se como elo entre locutor e interlocutor. Falar em estilo da linguagem é falar daquilo que motiva a organização extralinguística do enunciado, ir além do que está na materialidade verbal. A abordagem de uma estilística sociológica ou estilística do gênero não separa estilo, linguagem e gêneros discursivos, mas ao contrário disso, relaciona esses elementos na busca de compreender questões linguístico-estilísticas da linguagem em uso.

Bakhtin (2013[1942-1945, p. 23]): em um de seus poucos livros que aborda diretamente questões relativas ao ensino, enuncia: “As formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo”. A gramática por si só não é capaz de explicar os fatos da língua, dar respostas a situações comunicativas nas quais as escolhas linguísticas são feitas tendo em vista os efeitos de sentido pretendidos pelo falante, a situação comunicativa, o gênero discursivo no qual se realizou o projeto comunicativo.

Cunha (2006) critica o ensino de questões estilísticas na escola por ainda adotar uma visão tradicionalista incapaz de dar conta do desenvolvimento de habilidades linguístico-comunicativas para uma compreensão ativa e responsiva feita pelo aluno que se vê frente ao texto do outro. Para compreender responsivamente o texto, não basta saber ler, é necessário ter conhecimento compartilhado, interagir com o contexto extraverbal, perceber as entonações presentes no texto, relacioná-lo a outros discursos, ou seja, é necessário travar um diálogo ativo com esse texto.

A fim de não cair no risco de privilegiar o estilo individual do autor, ignorando sua base social, como era feito na estilística tradicional. No estudo do estilo, é exatamente o gênero discursivo que promove o laço entre o individual e o social. O falante é um ser constituído dialogicamente nas interações sociais que mantém com o(s) outro(s). Na linguagem tudo faz parte de uma grande cadeia comunicativa, na qual os discursos surgem como resposta para a resposta. Desse modo, como dito por Bakhtin (2003[1979]), o enunciado está concluído para passar a palavra ao outro, mas no grande diálogo¹ será sempre inacabado.

3 Habilidades de um leitor/escritor responsivo

Bakhtin (2003[1979, p.271]) diz que o enunciado “é prenhe de resposta”. Nessa citação ele destaca a importância da réplica, o encontro de diferentes vozes em um mesmo enunciado. O falante lança a palavra pra seu ouvinte, a fim de que este, trave com ela um diálogo na busca de compreender ativamente o que foi dito pelo outro. Nesse encontro de vozes o ouvinte/leitor não é mudo, desprovido de resposta, ao contrário, coloca-se como autor de sua compreensão responsiva. Para Rojo e Jurado 2012, na teoria dialógica:

Ler é dialogar com a consciência do autor, com outros enunciados e vozes, não decifrando, mas produzindo sentidos[...] é intercruzar fios seus com os que traz o texto, tramando um outro – que é ao mesmo tempo o mesmo, porque tem um autor, e outro porque tem um leitor responsivo. (ROJO; JURADO, 2006, p. 40)

A palavra nasce como ponte entre mim e o outro, mesmo que esse outro seja eu mesma. Assim, o destinatário orienta a resposta do falante, ao mesmo tempo que este deixa pistas para ser compreendido pelo seu destinatário real ou presumido². Os sujeitos envolvidos no processo de construção do sentido do enunciado não podem perder de vista a esfera comunicativa, o gênero, o contexto extraverbal no qual acontece a construção,

¹ Na teoria dialógica o grande diálogo é a relação dialógica interdiscursiva que um discurso atual mantém com discursos outros do passado e com a possibilidade de réplicas futuras.

² O autor real é aquele de uma interlocução direta na qual o falante se refere diretamente ao outro, já o destinatário presumido são possíveis leitores, um público alvo, sem necessariamente visar a réplica de um interlocutor direto.

circulação e recepção do enunciado. O leitor não apenas recebe o enunciado, mas interage com ele, atualiza e reconstrói sentidos.

Bakhtin (2003[1979]) deixa implícito a importância do ensino dos gêneros para o desenvolvimento de uma competência comunicativa:

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas [enunciados concretos] que nós mesmos ouvimos e nós mesmos produzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam [...] As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, i.e, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e a nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculados. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 282-283)

Conforme a fala do autor, podemos depreender que o ensino de viés tradicional, pautado na gramática normativa, não é coerente com o uso social da língua, o que distancia o ensino da comunicação da vida real. O aluno aprende a língua nas interações sociais, no dia a dia, na vida, portanto, cabe a escola o papel de levar o aluno a refletir sobre essas habilidades já desenvolvidas, contribuindo para potencialização e ampliação de um conhecimento já construído. Nessa reflexão sobre a língua, as questões linguísticas não devem ser vista como um fim em si mesma. O aluno precisa desenvolver habilidades relativas à escolha, reconhecimento e uso dos gêneros discursivos. Isso não significa apenas o reconhecimento da forma composicional, mas acima de tudo o conhecimento sobre a esfera comunicativa, interlocutores, entonações, propósito comunicativo do gênero, relações axiológico-dialógicas.

O leitor responsivo não apenas decifra, mas dialoga com o texto, atualizando-o a partir das relações dialógicas que consegue traçar com outros discursos. Ele é habilidoso para ver o que está além do material verbal, perceber ironias, tomar posições colocando-se contra ou a favor, questionar, analisar, acrescentar, parafrasear e tantas outras relações de sentidos.

4 Metodologia

Nossa pesquisa é ancorada na teoria dialógica, segundo a qual o texto é sempre inacabado, portanto sempre aberto a apreciações valorativas do leitor. Nesse sentido, consideramos que nossa pesquisa seja um elo nessa cadeia de discussão que trata de questões relativas ao estilo no ensino de língua materna. O *corpus* da pesquisa é constituído de comentários *online* acerca de uma notícia publicada no portal Terra sobre o processo de *impeachment* da presidente Dilma Roussef, cuja manchete é: *Impeachment? Contas de 2014 podem cassar mandato de Dilma?* A notícia foi publicada no dia 15 de outubro de 2017. Dada a sua dilogicidade com os comentários, também anexamos ao texto um trecho da notícia que antecede os comentários.

5 Análise dos dados

Na teoria dialógica os conceitos são todos muito imbricados, portanto, tratar de estilo é também tratar de tema e de forma composicional, além desses elementos constitutivos do gênero, o estilo precisa ser estudado com um olhar voltado para as relações dialógicas e entonações (valorações axiológicas). Tendo isso em vista, e a impossibilidade de abordar certas questões merecedoras de um tratamento mais detalhado, em função do pouco espaço, limitamo-nos, nesta pesquisa, a elaborar uma única categoria de análise, a partir da qual pretendemos mostrar que o estilo é de natureza social, resultado de relações axiológico-dialógicas. Portanto, avaliamos como sendo produtivo a escola adotar uma abordagem da estilística do gênero ou estilística sociológica no ensino de língua materna. Vejamos as análises a seguir:

Quadro 1 – Notícia do portal Terra

Impeachment? Contas de 2014 podem cassar mandato de Dilma?

BBC BRASIL.com

7 OUT2015

20h59

atualizado às 22h58

O Tribunal de Contas da União (TCU) emitiu parecer nesta quarta-feira a favor da rejeição das contas de governo da gestão Dilma Rousseff de 2014. A decisão representa uma grande

derrota para a presidente, pois será usada por opositores na tentativa de iniciar um processo de impeachment no Congresso. No entanto, não há consenso entre juristas sobre se a rejeição das contas é suficiente para fundamentar um pedido de cassação de seu mandato.

Por 8 votos a zero, a unanimidade dos ministros entendeu que o governo cometeu irregularidades na gestão das contas federais, melhorando artificialmente o resultado do Orçamento do ano passado e evitando assim cortes de gastos em ano eleitoral.

Fonte: Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/tcu-recomenda-ao-congresso-rejeitar-contas-de-dilma-o-que-acontece-agora,71ed4b1dd2391cbba021ada96fe00d5bqq23l4gx.html>. Acesso em: 30 out. 2015.

O recorte foi feito de forma coerente com a teoria dialógica, sem cortar o diálogo entre um comentário e outro, ou seja, constituindo uma sequência. Dada a dilogicidade entre a notícia e os comentários, também anexamos ao texto um trecho da notícia que antecede os comentários. gerou 522 comentários, dos quais, por questão de espaço, analisaremos apenas cinco comentários.

Quadro 2 – Comentários do portal Terra

44. Celso Rizzotto:

Não, Dilma não pode ser cassada; o crime de 2014 já prescreveu. Recebeu o indulto de final de ano, uma indulgência plenária. A Dilma que está sentada no trono atualmente é uma nova Dilma, séria, honesta, que dialoga, que não faz negociatas, que diz e cumpre!

45. Portteiro :

Celso Rizzotto, hãã ??? Eu nã li isso não !! Então voce tambem acredita em papai noel, mula sem cabeça, saci perere, e mais um monte de invenções ? Acorda, rapaz !! ai deixar todos se ferrarem apenas para defender bandidos ?

46. h. andrade:

Celso Rizzotto, e continua pedalando.

47. Celso Rizzotto:

Vamos lá, o governo da Dilmona engana você dizendo que não está devendo nada e, quando você vai ver, ele escondeu que deve aos bancos uma mixaria de alguns bilhões. Então, o exemplo que vem de cima nos autoriza a fazer o mesmo. Digam ao governo que faturaram menos e que devem menos impostos. O PT está querendo dizer que fraudar, enganar, não é mais crime, desde 2002. É por essa e outras, que o Brasil está desse tipo. É por isso que os criminosos estão se multiplicando como ratos. "O exemplo arrasta"!

48. Nilton:

POLÍTICA NO BRASIL E ASSIM: ISSO ACONTECEU NA DISPUTA PRESIDENCIAL DE 2014 E OS ELEITORES SÓ DESCOBREM UM ANO DEPOIS INACREDITÁVEL SE A OPOSIÇÃO (PSDB, DEM ÔNIOS ETC.) TIVESSE VENCIDO AS ELEIÇÕES TINHAMOS ESTADO NUM BURACO NEGRO! E NÃO NO FUNDO DO POÇO.

SABEMOS QUE O FUNDO DO POÇO TEM FUNDO. AO INVEZ DE O BURACO NEGRO E UMA COISA INFINITA QIE NÃO TEM FUNDO

Fonte: Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/tcu-recomenda-ao-congresso-rejeitar-contas-de-dilma-o-que-acontece-agora,71ed4b1dd2391cbba021ada96fe00d5bqq2314gx.html>. Acesso em: 30 out. 2015.

Como observaremos nos comentários muito do que é dito só é possível de ser resgatado se traçado um fio dialógico com discursos anteriores, com acontecimentos político-jornalísticos que antecederam e culminaram com a oficialização do processo de *impeachment*. Antes de analisar os comentários, é necessário conhecer o contexto político-jornalístico que serve de cenário para esse acontecimento midiático. Os comentários *online* são constituídos, em boa parte por conteúdo implícito. Assim, o conhecimento compartilhado é de fundamental importância para a atualização de sentidos.

A escola precisa adotar metodologias de ensino que partam dessa compreensão de que o contexto extraverbal é parte constitutiva do enunciado, e não apenas circundante ou pior ainda, pensar que a língua possa ser estudada abstraída desse contexto. Passemos a análise de alguns comentários *online*, em buscar de compreender como as relações dialógicas vão se constituindo no tecido do enunciado, como o sujeito faz uso dos recursos linguísticos para dizer o que não está ou o que está materializado verbalmente.

Na sequência de comentários, o comentarista 44 (Celso Rizzotto) insere-se na cadeia discursiva negando, ironicamente, a possibilidade de *impeachment* da presidente Dilma, além de defender a honestidade e seriedade dela. O comentarista revela seu posicionamento político em oposição ao discurso das vozes que apoiam o governo da presidente, mas para isso ele usa um discurso irônico, que linguisticamente aponta para um sentido (apoio) e axiológico-dialogicamente aponta para outro (oposição). O comentarista elabora e expressa seu posicionamento político retomando e desqualificando ironicamente um discurso com o qual ele, comentarista, não concorda, que é o de apoio ao governo do PT. Ele diz linguisticamente um conteúdo que é o contrário do sentido atualizado por ele. Esse segundo sentido, só é possível ser recuperado em função do contexto extraverbal, das relações dialógicas que ele mantém com outros comentaristas/leitores.

O comentador 45. (Portteiro) ao retomar o discurso anterior, procura descaracterizá-lo, opondo-se a ele, embora ambos os discursos possuam pontos de vista convergentes. Ao contrário do que o comentador 45 escreve, ele não polemiza com a voz do comentador 44, mas com a voz ironizada por este. Ele parece não ter entendido o tom de ironia presente no discurso replicado, confrontando-o com surpresa, indignação e discordância. Não conseguiu, portanto, resgatar a ironia na autoria do discurso replicado, a voz outra que não coincide com a do autor. O ponto de vista assumido pelo autor do comentário é contrário à voz ironizada. Entendemos que a identificação das diferentes vozes e dos diferentes pontos de vista adotados por elas é necessária para a construção dos sentidos. Só decifrar o que está na materialidade linguística do comentário 44 não permite a construção e atualização do sentido pretendido pelo comentador.

Os sentidos desse enunciado são marcados pela dialogicidade entre diferentes vozes. O comentador (44. Celso Rizzotto) volta a inserir-se na sequência de comentários, e novamente de forma irônica no comentário 47 ele constrói seu enunciado deixando implícito seu posicionamento político de apoio ao *impeachment*. A compreensão responsiva nasce e se fortalece nas relações de diálogos com discursos outros. O discurso atual exige um elo com discursos passados e com discursos futuros, de modo que quando me constituo como leitor, estou sendo apenas mais um a apreciar um dado objeto, que não se encontra desnudo, puro, à espera de minha avaliação, pois esse objeto que tomo como fonte do meu discurso, encontra-se emaranhado nos fios de muitos outros discursos que sobre ele já lançaram a luz da avaliação responsiva, ou seja, meu leitor/escritor nunca será apartado de outros olhares, que também já se colocaram como ponto de apreciação para aquele dado objeto. No entanto, para cada olhar, para cada autor, esse mesmo objeto será um novo objeto.

O comentador 45 tem como diretriz orientadora para seu discurso a voz que é contra o *impeachment* da presidente Dilma. Ele questiona esse discurso, desacredita, ironiza, alerta. Suas escolhas linguístico-estilísticas são voltadas para o discurso do outro. A entonação da expressão “Hãã???” revela admiração, perplexidade, retoma o discurso do outro a voz ironizada com uma entonação que desde o início aponta para o confronto entre dois pontos de vista diferentes.

Observemos que a expressão “Hãã???” traz uma entonação de questionamento, uma grafia representativa de um enunciado oral, embora postado por meio da escrita. É marca estilística desse gênero essa aproximação com o diálogo, com a oralidade. Medviédev (2016[1928], p. 193) ressalta a importância de se estudar a linguagem a partir do gênero discursivo, criticando os formalistas por terem separado o estudo da linguagem poética dos gêneros discursivos. Ele argumenta: “O significado construtivo de cada elemento somente pode ser compreendido na relação com o gênero”.

O comentarista 46 num tom de deboche diz: “e continua pedalando...” Ele compartilha com o ponto de vista do comentarista 45, com a decisão do TCU, com a mídia hegemônica, que influenciou grande parte da população a acreditar que o *impeachment* é um ato constitucional, tendo como motivação maior as chamadas pedaladas³.

O ponto de vista presente em um enunciado não se restringe ao nível puramente linguístico, já que os enunciados são atravessados por uma multiplicidade de vozes. Ao dizer que o governo engana e que está devendo bilhões aos bancos, o comentarista 47 também faz alusão “às pedaladas fiscais”. Atitude que ficou conhecida como “pedaladas fiscais” e que foi a peça principal para legalizar aos olhos do poder jurídico-midiático o *impeachment* da presidente Dilma. Ironicamente o comentarista se refere à presidente no aumentativo “dilmona” revelando um tom pejorativo. Do mesmo modo, ironicamente, ele chama de “mixaria” os bilhões que, segundo ele, o governo deve aos bancos. Na nossa interpretação, o internauta quis dizer que mixaria para um governo “corrupto” é uma riqueza para um país com expressiva desigualdade, como é o Brasil. Na avaliação da mídia as motivações das supostas “pedaladas” e a devolução do dinheiro tomado emprestado parece inexistir, são colocados à margem, pois, a ênfase é dada apenas naquilo que denigre a imagem do PT. A mídia torna-se autora de um discurso que avalia e julga o PT a partir de um ponto de vista da oposição.

Podemos perceber vários recursos dialógicos usados para a construção do ponto de vista do comentarista Celso Rizzotto. Ele usa a fala do governo da Dilma (discurso indireto) para iniciar a elaboração do seu posicionamento axiológico, iniciando seu enunciado: *O governo da Dilmona engana você dizendo que não está devendo nada*. O comentarista se

³ As chamadas pedaladas fiscais significam dizer que o governo federal camuflou a situação orçamentária do país, fingindo uma melhora do orçamento em ano eleitoral

contrapõe a essa voz escolhendo recursos linguístico-estilísticos para elaborar e fundamentar seu ponto de vista, como, por exemplo a palavra “engana”, “escondeu” e a expressão “mixaria de alguns milhões de dólares”. Ele aponta para um posicionamento de reprovação e insatisfação frente ao governo petista. Nesse contexto, em diálogo com a notícia e com outros comentários, elabora sua argumentação favorável ao *impeachment*. O enunciado é sempre marcado pela réplica antecipada, pelas tonalidades dialógicas que liga o linguístico e o extralinguístico, pelas valorações apreciativas reveladoras de um ponto de vista. A compreensão responsiva é sempre dialógica, nasce no confronto entre diferentes pontos de vista. É esse confronto que faz da compreensão um ato de leitura ativo capaz de revelar a atualização do sentido por um sujeito leitor em sua singularidade.

O comentador 47 ao redigir seu enunciado tem em vista um interlocutor direto ou um público leitor que se configura como destinatário genérico. No trecho: “Vamos lá, o governo da Dilma engana você dizendo que não está devendo nada, e quando você vai ver ele escondeu que deve aos bancos uma mixaria de alguns bilhões”, a expressão “vamos lá” convida, incita o outro a refletir a responder. O comentador vai dando voz ao seu ouvinte/leitor, hipotetizando sua compreensão responsiva, frente àquilo que é visto pelo ouvinte através das lentes do sujeito falante (comentador), ou seja, eu falo e eu respondo por meio da réplica antecipada, mas a palavra-resposta sofreu a influência do outro, então eu nunca fui e nunca serei dono dessa palavra. Ela é apenas um elo entre o meu discurso e o discurso do outro.

O comentador 47 traz para seu discurso aquilo já dito sobre as pedaladas fiscais, motivação principal para reprovação das contas da presidente Dilma Rousseff no ano de 2014. Os discursos sobre esse acontecimento fazem parte das relações dialógicas constitutivas da memória interdiscursiva desse sujeito falante, fazem parte de sua existência. Ele não tem como deixar de ocupar uma posição axiológica-dialógica frente aos pontos de vista já presentes nesses discursos.

O comentador 48. Nilton insere-se na discussão revelando um tom emotivo-volitivo de descrença em relação à política no Brasil e de crítica ao sistema político-midiático, à forma como as informações chegam até à população. O internauta embora considere falhas nos políticos de esquerda, ainda os considera como melhor opção. Ele faz um trocadilho ao

se referir ao partido político Democratas (DEM), chamando -o de “DEM MÔNIO”. Essa nomenclatura revela uma atitude avaliativo-responsiva depreciativa, um posicionamento político de esquerda. O internauta usa um xingamento para dizer que o partido DEM é do mal. Ele desmembra morfologicamente a palavra demônio em dem+mônio, finalizando a explicação entre parênteses com a expressão etc. O que sugere, no contexto desse comentário, ser não apenas o partido DEM, mas os partidos de direita. Cada palavra do comentarista 48 expressa um tom emotivo-volitivo de descontentamento diante do cenário político brasileiro. Ele conhece a situação difícil enfrentada pelo governo petista com o nome envolvido em diversos escândalos, conforme avaliação e divulgação da grande mídia, por isso caracteriza essa situação como o fundo do poço. Entretanto, conforme a avaliação do comentarista o pior seria se o país estivesse sob o poder da política de direita.

6 Considerações finais

Verificamos ao longo de nossa pesquisa a importância do gênero discursivo sobre o que pode ser dito e como pode ser dito pelo sujeito falante, assim com também sua importância enquanto orientador de uma compreensão responsiva, haja vista que diante do conhecimento sobre o gênero em sua constituição temática, composicional e estilística, o leitor tem a indicação de como deve compreender certos sentidos, entonações, recursos linguístico-estilísticos.

Percebemos que o texto é apenas parte de um todo, e sua análise/compreensão deve ficar vinculada a esse todo que é formado pelo gênero, pela esfera comunicativa mais imediata à qual ele pertence, pelo contexto extraverbal, que envolve interlocutores, tempo, espaço, conhecimento compartilhado. Somente levando em consideração esses elementos extraverbiais, será possível resgatar as relações dialógico-axiológicas necessárias para atualizar os sentidos do texto.

Estudar a língua assim, é estudar a relação do material linguístico com vida real, é estudar o estilo, ou seja, perceber no material linguístico as entonações, as relações dialógicas, certas intenções do falante, efeitos de sentido impossíveis de caber no sistema da língua abstraído do uso social. Portanto, entendemos que a construção de um leitor

responsivo requer da escola o uso de metodologias que relacionem as formas da língua ao seu uso social, tendo o linguístico enquanto estilo também. Desse modo, as formas da língua serão vistas na sua dialogicidade, o que as tornarão não apenas material linguístico, mas formas de valor. Ou seja, capaz de expressar pontos de vista, posicionamentos políticos, raiva, alegria, desprezo, crítica, apoio, etc.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979]

_____. **Teoria do Romance I: a estilística**. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934-1936]

CUNHA, D.A.C. A estilística na enunciação para o estudo da prosa literária no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Marcia (Orgs). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.117-138.

MEDVIÉDEV, Pável. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2016 [1928].

ROJO, Roxane; JURADO, Shirley. A leitura no ensino médio: O que dizem os documentos oficiais e o que se faz? In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Marcia (Orgs). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.117-138.